

A SALA DE AULA COMO REFLEXO DA BIBLIOTECA CULTURAL DO ESTUDANTE: TODO HUMOR CABE NA TURMA?

Paulo Ricardo Fernandes Rocha ¹
Jéssica Girlaine Guimarães Leal ²
Kal Anderson Aniceto Gomes do Prado ³

RESUMO

A sala de aula é um espaço de compartilhamento de experiências no qual os estudantes partilham sua biblioteca cultural, refletindo suas ideologias e predileções (consumismo, entretenimento, estilo de vida, hábitos alimentares, etc.) entre os colegas. Nesse contexto, muitos estudantes reproduzem um humor crítico e mordaz, influenciado por animações e séries adultas às quais têm acesso. O estudo objetiva investigar se os estudantes estão cientes das implicações de um humor contestável diante de dilemas sociais, especialmente na escola, onde as turmas convivem sistematicamente com a diversidade multicultural e a compreensão sobre o discurso de ódio. Para a seleção, foi adotado como critério de inclusão a livre adesão e voluntariedade dos participantes. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista, buscando-se averiguar as opções de entretenimento consumidas pelos discentes e desvelar e examinar os preconceitos expressos em tais divertimentos. Utilizamos a pesquisa qualitativa e exploratória, conforme Gil (2002), como método alicerce das análises. Preliminarmente, as postulações teóricas de Foucault (1972), Brasil (1996), Goulemot (2009), Oliveira e Sabóia-Morais (2009), Freire (2018), Ormundo e Siniscalchi (2020), Butler (2021) e Resende (2024) fundamentam o presente estudo. Os resultados apontam que os estudantes apresentam uma compreensão superficial das implicações do humor crítico que apreciam e reproduzem entre os colegas. Eles reconhecem que realizam intimidações e provocações, mas não consideram essas atitudes criminosas, ofensivas ou reflexo de uma ideologia totalitária. Diante disso, é necessária a mobilização de intervenções pedagógicas que visem o enfrentamento da naturalização de práticas discriminatórias.

Palavras-chave: Humor crítico, Discurso de ódio, Estudantes, Biblioteca cultural, Enfrentamento.

INTRODUÇÃO

A sala de aula é o espaço natural de um estudante e de um professor. Ao mesmo tempo em que o primeiro se locomove quase diariamente para aprender, o último

¹ Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e graduado em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), prferocha@gmail.com;

² Doutoranda no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal de Campina Grande - jessica.leal@professor.ufcg.edu.br;

³ Doutorando no Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. kalanicetoprado@gmail.com.



cumpre o papel de mediar a aprendizagem do primeiro. Neste século, em que o país vive uma polarização política e os algoritmos inclinam todos a observar determinados assuntos circulando, digitalmente, em massa, é comum a reprodução de múltiplas informações, então, no ambiente escolar, cujos assuntos são de teor tanto positivo quanto negativo.

Dentre esses, a reverberação de conteúdos humorísticos é frequente. Quando tratamos disso, deve-se entender que os estudantes têm diferentes perspectivas acerca do que lhe é aceitável ou não, do que deve ou não ser consumido por ele ou por ela, a depender do público estudantil, se o mote da discussão for comicidade. Nesse sentido, o pesquisador Goulemot (2009) trata da expressão “biblioteca cultural”, sendo o que é acionado mediante o contato do discente com a obra literária, nesse caso, o repertório pessoal deste para “construir o sentido do que lê” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, p. 9). Então, a partir de metodologias ativas, o espaço da sala de aula oferta várias oportunidades à detecção dessa seleção do educando, especificamente, suas escolhas quanto ao humor que atrai a atenção deste.

Diante disso, o artigo tem por objetivo investigar quanto à percepção dos estudantes, especificamente de ensino médio, acerca das consequências que a reprodução do humor deles na classe deflagra, a partir da potencial influência que o entretenimento consumido por eles lhes causa.

METODOLOGIA

O percurso metodológico foi baseado em uma pesquisa de campo, a qual é “desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53). Nesse sentido, o levantamento de dados, entre 5 e 31 de agosto, ocorreu mediante um questionário, aplicado a um grupo de estudantes de ensino médio do Instituto Estadual de Educação Profissional, Tecnologia e Inovação, *campus* Edimar Vieira de Almeida, localizado na cidade de Campo Grande, RN, especificamente 30 voluntários.

O primeiro passo, então, foi a elaboração das perguntas constituintes do questionário. Seguem estas:

- Você sabe o que é discurso de ódio?



- Você admira figuras polêmicas na história humana, por suas ideologias, tais como líderes nacionais e internacionais?
- Se a resposta anterior for "Sim", quem, por exemplo?
- Você sabe o que é racismo recreativo?
- Você consome humor considerado negro em seus hábitos digitais?
- Se a resposta à pergunta anterior for "Sim", você acha isso grave?
- Você brinca entre os colegas de escola com temas, para muitos, considerados sensíveis (racismo, xenofobia, nazismo)?
- Se a resposta à pergunta anterior for "Sim", você e seus colegas veem problemas nisso?
- Você já foi vítima de alguma forma de discriminação entre seus colegas?
- Se a resposta à pergunta anterior for "Sim", você se sentiu emocionalmente, e de forma negativa, afetado?

Reitera-se, a entrevista ficou aberta entre 5 e 31 de agosto, sendo um espaço de tempo suficiente para os discentes terem respondido às perguntas citadas. Os estudantes tiveram acesso ao questionário por meio da ferramenta Google Formulário. Eles deveriam se identificar, a título de transparência, no questionário. Contudo, aqui prevalece tão somente o caráter quantitativo para a análise estatística, mantendo-se o anonimato dos participantes.

Após esse período de coleta, observamos e comparamos as respostas, com o fito de obtermos os resultados e, por consequência, as conclusões, com clareza, acerca da hipótese do estudo: se todo humor é cabível na sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

Detendo-se à etapa final do ensino básico, isto é, o ensino médio, este tem como uma de suas finalidades a seguinte diretriz legal: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996, p. 16). Ao observarmos fixamente para os termos “autonomia intelectual”, torna-se evidente que o adolescente que cursa o ensino médio apresenta seus pontos de vista e os defende com mais propriedade, o que transmite também, para o professor, como está a formação ética desse aluno.

Nessa situação, alguns casos polêmicos se popularizam na sociedade, quer concretamente, quer, principalmente, no mundo virtual. Por exemplo, no Colégio Pedro



II, no fim de agosto de 2025, a polícia civil investiga, após denúncia da própria instituição, assédios racistas e nazistas. De acordo com o jornal CBN,

[...] uma professora encontrou a cabeça de uma boneca negra pichada com ofensas racistas pendurada em uma das salas de aula. Até agora, o responsável não foi identificado.

Alunos também relataram à rádio CBN outros episódios. Na última semana de agosto, durante uma prova, um símbolo de suástica foi desenhado na lista de presença da turma. O caso foi levado novamente à direção, que identificou o responsável e aplicou uma suspensão como punição.

Ainda segundo estudantes, alguns adolescentes do ensino médio comentam com frequência que seriam descendentes de nazistas. Mensagens racistas e de discurso de ódio têm sido pichadas em mesas e cadeiras das salas.

Essas circunstâncias, inclusive, legalmente criminosas, causam o surgimento de definições contemporâneas, tais como o “racismo recreativo”, que parte, segundo Moreira (2019b, p. 70-71 *apud* Resende, 2024, p. 11), da seguinte ideia:

o prazer decorre do fato de que a piada hostil permite afirmar a noção de que o indivíduo tem valor maior do que um membro de outro grupo, pessoa que é julgada a partir de estereótipos negativos ou a partir de infortúnios pelos quais ela passa.

No geral, toda manifestação ofensiva decorrente desse prazer gerado por rivalidades entre os discentes se enquadra, por definição, no conceito de discurso de ódio, em que

De fato, os estudos sobre o discurso de ódio constantemente se referem a isso. Afirmar que a linguagem fere ou, para citar a formulação utilizada por Richard Delgado e Mari Matsuda, que “as palavras machucam” é combinar vocabulários linguísticos e físicos. O uso de um termo como “machucar” sugere que a linguagem pode ter efeitos semelhantes aos da dor física ou de um ferimento (BUTLER, 2021, p. 20).

Sendo assim, conviver com os estudantes, principalmente os incitando a compartilharem de suas experiências, é ter que escutar, nesse processo de troca, o julgamento que um tem pela história do outro. Isso muitas vezes significa para o professor, ainda que haja a disciplina e a severidade contra alguns alunos, em casos mais graves, notar ridicularizações quanto à fisionomia do estudante, à origem deste, à sua situação familiar e econômica etc.



Isso implica, pois, a necessidade de o professor ter uma visão ampla dos múltiplos discursos que circulam no seu principal ambiente: a sala de aula. O ato de manifestar um enunciado pelo educando é carregado de aberturas acerca de sua individualidade, de sua perspectiva individual em relação à sociedade, de suas intenções quanto ao seu futuro, porvir este que se reflete no instante de sua expressão de pensamento na sala de aula. Acerca de como esse pensamento social é desenvolvido, a partir de uma ação uno, Foucault (1972, p. 12) esclarece:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro.

Pode-se dizer que os nossos alunos e alunas estão entre aqueles “encarregados” de apresentar suas verdades, o humor, ainda que na forma divertida, desvelando o discurso que consolida e consolidará o regime da sociedade. Com olhos fixos, então, na escola, cuja educação formal é obrigatória até o ensino médio no sistema de ensino brasileiro, embora o humor possa ser defendido e utilizado como uma ferramenta relevante no processo escolar, isto é, “humor como elemento motivador e potencializador do processo de ensino-aprendizagem” (Kher *et al.*, 1999, *apud* Oliveira e Sabóia-Morais, 2009, p. 1), o que se vê é a tendência cômica dos discente sendo utilizada como ferramenta de ofensa entre os colegas. Logo, se o professor não interceder, uma sociedade indiferente poderá ser resultada a partir de uma visão cômica distorcida.

Nesse contexto, sobre a exigência de uma intervenção na realidade local, Freire (2018, cap. 3) relata que Paulo Freire “não aceitava para si discursos dicotomizados da prática de vida ou apartados do sentir as emoções e de ler criticamente o mundo ou, ainda, de estar simplesmente nele”. À vista disso, o professor deve ter esse olhar crítico do mundo, isso a partir da sua classe, não adotando uma postura passiva diante dos inúmeros discursos humorísticos que se cruzam nessa, o que exige, principalmente do professor, ainda segundo Freire (2018, cap. 3, grifo do autor), de uma atualização constante, “para, estando *com o mundo*, inserir-se e dialeticamente transformá-lo”.

Com o fito de transformar o mundo, leia-se sociedade humana, o educador precisa de informações prévias, diagnósticas, para que sua ação seja precisa e



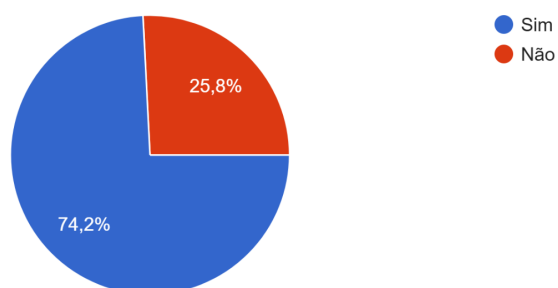
progressista no que concerne à visão crítica de mundo que o estudante deve ter a partir de si e do outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguem os dados coletados a partir dos questionamentos feitos aos estudantes:

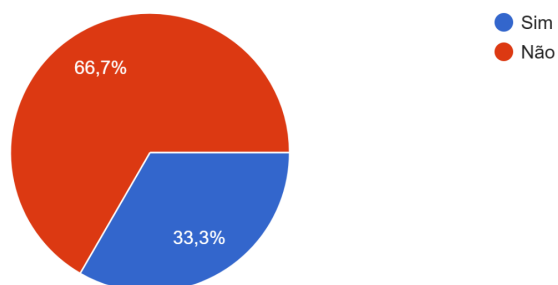
Você sabe o que é discurso de ódio?

31 respostas



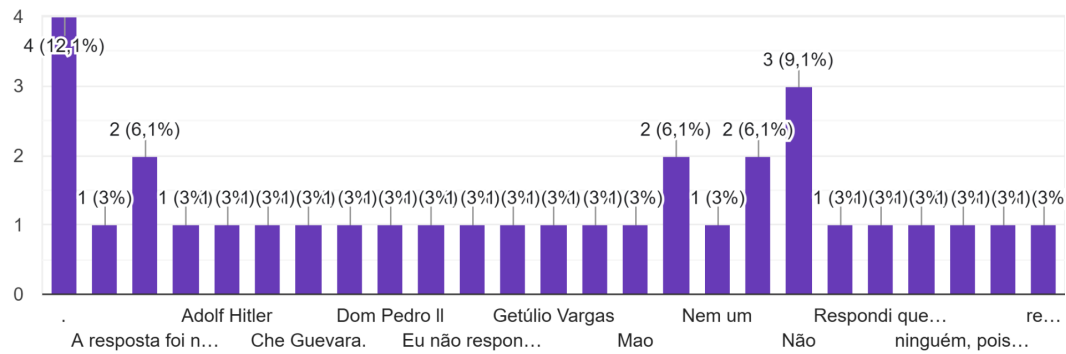
Você admira figuras polêmicas na história humana, por suas ideologias, tais como líderes nacionais e internacionais?

33 respostas



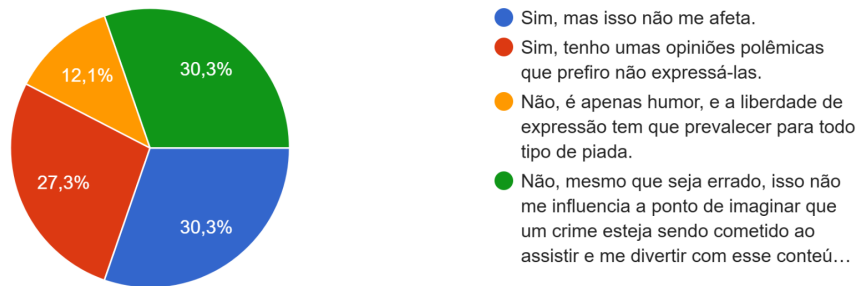
Se a resposta anterior for "Sim", quem, por exemplo?

33 respostas



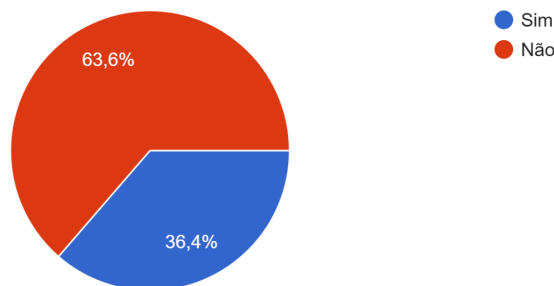
Se a resposta à pergunta anterior for "Sim", você acha isso grave?

33 respostas



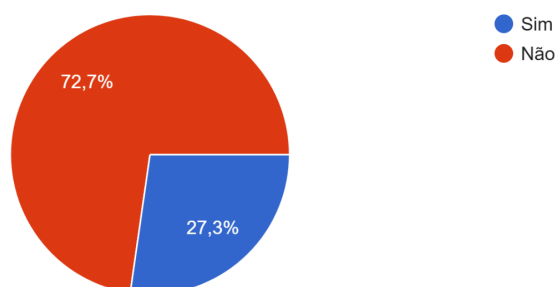
Você sabe o que é racismo recreativo?

33 respostas



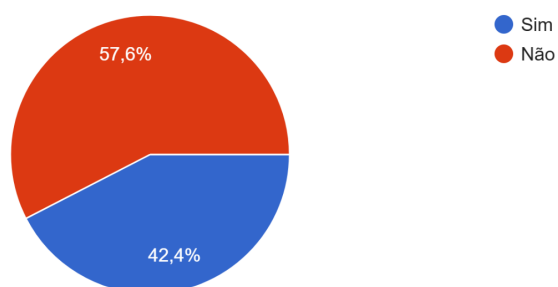
Você consome humor considerado negro em seus hábitos digitais?

33 respostas



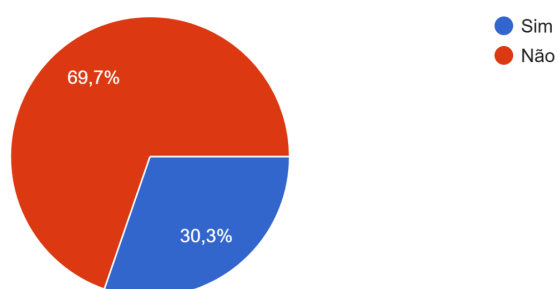
Você brinca entre os colegas de escola com temas, para muitos, considerados sensíveis (racismo, xenofobia, nazismo)?

33 respostas



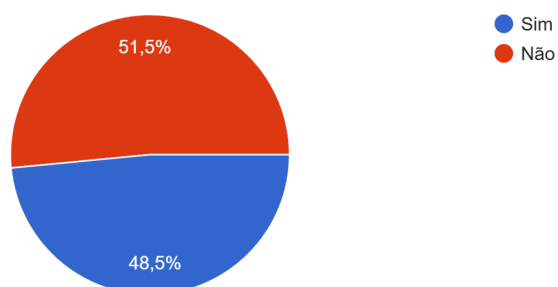
Se a resposta à pergunta anterior por "Sim", você e seus colegas veem problemas nisso?

33 respostas



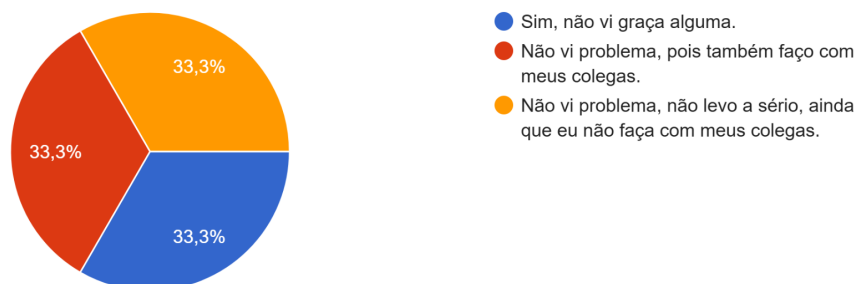
Você já foi vítima de alguma forma de discriminação entre seus colegas?

33 respostas



Se a resposta à pergunta anterior for "Sim", você se sentiu emocionalmente, e de forma negativa, afetado?

33 respostas



A contar do teor quali-quantitativo, verificam-se os seguintes resultados quanto aos educandos do Instituto Estadual em Educação Profissional, Tecnologia e Inovação - *campus* Edimar Vieira de Almeida:

- ☐ Os estudantes sabem o significado de “discurso de ódio”, porém, não detêm um conhecimento aprofundado sobre as ramificações de tal conceito, a exemplo de “racismo recreativo”;
- ☐ A maioria dos estudantes não admiram ideologias polêmicas de figuras nacionais e internacionais, e a minoria, citando algumas dessas como admiradas, crê não ser afetada pelo discurso difundido por tais líderes;
- ☐ Quase metade dos participantes já foi vítima de alguma discriminação, contudo, há um equilíbrio entre os educandos no que concerne à indiferença a esses episódios negativos, em virtude de alguns taxativamente não verem humor, outros revidarem e, ainda, haver aqueles que não se importam, embora vitimadas;



- ☐ Corroborando a passividade frente a discursos discriminatórios, quase metade dos colaboradores brincam com ideologias sensíveis entre os colegas (xenofobia, nazismo, racismo etc.), ainda que boa parte relate não ver problema nisso.

Um ponto a ser discutido é que mais de 70% dos estudantes relataram não consumir humor considerado negro em seus hábitos digitais, o que ratifica o desconhecimento de termos como “racismo recreativo”. Entretanto, pressupõe-se que a minoria que consome esse conteúdo tido como hilariante exerce forte influência entre os companheiros, pois boa parte dos participantes já foram vítimas de piadas discriminatórias em sala apesar de relatarem não se entreter com esse mote.

Sendo assim, deduz-se que já uma pequena parcela de estudantes consegue instigar um mal-estar de convivência a partir de suas menções vexatórias e discriminatórias.

Além disso, também é notável uma diminuta fração de aulistas não colocar como relevante o tema “liberdade de expressão” em conta. Desse modo, esses discentes admiram líderes controversos de forma emancipada a qualquer situação que chame a atenção deles para se questionarem sobre suas perspectivas. Isto é, são independentes na sua maneira de pensar não importa o julgamento sócio-histórico de certo ou errado acerca de suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, percebe-se a necessidade de uma visão técnica e, ao mesmo tempo, humanizada por parte do professor em relação à pluralidade de assuntos emanados na sala de aula. Tais tópicos surgem do repertório adquirido pelo estudante em seus momentos de interação com outros colegas, em que, entre eles, há um intercâmbio acerca de seus conteúdos recreativos, que são consumidos constantemente extraclasse.

Tem-se o docente como aquele que deve formar seus aprendizes visando a uma formação integral, o que significa, recordando à LDB (BRASIL, 1996, p. 16), “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética”. Nisto, o professor é o principal responsável por interceder entre um diálogo inicial, com o fito de observar a primeira opinião do seu aprendiz, para, posteriormente, tematizando



alguns tópicos polêmicos e atuais, tratar, sem julgamentos, sobre a gravidade do que representa alguns conteúdos pessoal e coletivamente. Isto é, o professor necessita fazer com que o educando não naturalize práticas discriminatórias.

Com o intuito de sanar tais ações negativas, urge que o educador, nesse processo, adote metodologias ativas e realize uma formação, enfaticamente, diagnóstica e formativa, para que regularmente ele saiba ter precisão sobre o que é preocupante ou não na forma de pensar o mundo de seu aluno e, diante disso, gradativamente, consiga inclinar melhor os conceitos deste, aprimorando-os.

Esta pesquisa, pois, nos aponta à demanda de mais pesquisas no ensino básico, levando em consideração que o aulista nesta etapa da educação é o futuro acadêmico e profissional, que refletirá suas perspectivas intelectuais ao progresso ou regresso da humanidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos estudantes do Instituto Estadual de Educação Profissional, Tecnologia e Inovação, turmas de Agroecologia e Administração, pela colaboração à pesquisa;

À direção da referida instituição, que prontamente tomou ciência da pesquisa e consentiu à realização desta, com o intuito de tomar conhecimento dos resultados colhidos e, por conseguinte, de tentar aperfeiçoar a visão acerca do seu alunado, prevenindo-se, por meio de projetos e palestras direcionadas, contra possíveis malefícios interpessoais entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1972.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.



GOULEMOT, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 97-124.

OLIVEIRA, M. L.; SABÓIA-MORAIS, S. M. T. O Emprego do Humor em Sala de Aula e Seu Papel Como Recurso Facilitador e Motivador da Aprendizagem. 2009.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga nas linguagens**: português: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020.

RESENDE, Augusto César Leite de. Racismo recreativo, liberdade de expressão e fraternidade: algumas aproximações. **Revista Direito Público**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 1-31, 2024.

